

O PATRÃO MEMÓRIAS E HISTÓRIAS

Rita Lírio de Oliveira

INTRODUÇÃO

Ao analisar o livro *O Patrão* (1978), considerando os aspectos memória e história, este artigo tem por objetivo realizar uma leitura crítica dessa obra, a qual se apresenta como uma rememoração e não conservação do passado, partindo do presente crítico do escritor baiano Euclides Neto (1925-2000), uma vez que ele reconstrói fatos passados que viu e viveu na Região Cacaueira do Sul da Bahia, considerando as consequências socioeconômicas e culturais desses fatos no presente, e estabelece uma relação entre o indivíduo, o tempo-espaço e o contexto socioeconômico, cultural e histórico, reconhecendo a prevalência da sua memória individual e também coletiva.

Seguidor do projeto literário do romance regional de 1930, também denominado *romance da terra*, Euclides Neto denuncia as mazelas sociais do povo oprimido, sobretudo o nordestino, trabalhador rural, ante o poderio econômico das elites dominantes, apresentando as vicissitudes que sofrem as personagens, à medida que o processo socioeconômico influencia diretamente a vida grapiúna, individual e coletiva, bem como desencadeia a penúria social em que os miseráveis lutam pela sobrevivência.

Desse modo, este artigo adota como estratégia metodológica uma abordagem textual, interdisciplinar e transversal do texto literário, em que as características peculiares e as histórias dos trabalhadores rurais grapiúnas são descritas e estudadas em determinado ponto no tempo, a partir de diversas áreas do conhecimento, dentre elas, a Sociologia, a História e a Filosofia, tomando por base as premissas de autores como Maurice Halbwachs e Pierre Nora, sobre o tema memória, e Michel Foucault, sobre os temas história e história genealógica, que leva em conta a concepção filosófica de Friedrich Nietzsche.

Nessa perspectiva, constata-se que Euclides Neto lança um olhar próprio sobre a realidade da região cacaueira sul-baiana, em que a história é vista da perspectiva dos trabalhadores rurais, muitas vezes oprimidos, possibilitando

uma contra-história que dá voz a esse povo por muito tempo silenciado pelas forças hegemônicas, num levante marcado pela resistência.

MEMÓRIAS E HISTÓRIAS: DA EXPLORAÇÃO À RESISTÊNCIA

É que o saber não é feito para compreender, ele é feito para cortar.
Michel Foucault, *Microfísica do poder*

O sociólogo francês Maurice Halbwachs toma por base a conceituação de *memória individual*, vista como um fenômeno próprio da pessoa e da sua inter-relação com a *memória coletiva*, fenômeno social, construído de forma coletiva e sujeito a constantes transformações. Nesse sentido, destaca-se que o indivíduo carrega em si mesmo a lembrança, porém é no contato e interação com os outros indivíduos que as lembranças são construídas, pois as lembranças individuais estão impregnadas das lembranças daqueles que o cercam.

Halbwachs amplia a discussão, apresentando a distinção e as relações entre *memória coletiva* e *memória histórica*. Afirma que a memória coletiva tem por suporte um grupo limitado no tempo e no espaço e se apoia na história vivida, e não na história aprendida, sendo a história entendida não como “uma sucessão cronológica de eventos e datas, mas tudo o que faz com que um período se distinga dos outros, do qual os livros e as narrativas em geral nos apresentam apenas um quadro muito esquemático e incompleto”¹, até porque a história não é todo o passado, muito menos representa tudo que resta dele. Na visão do sociólogo,

a memória coletiva não se confunde com a história e que a expressão *memória histórica* não é muito feliz, pois associa dois termos que se opõem em mais de um ponto. A história é a compilação dos fatos que ocuparam maior lugar na memória dos homens. No entanto, lidos nos livros, ensinados e aprendidos nas escolas, os acontecimentos passados são selecionados, comparados e classificados segundo necessidades ou regras que não se impunham aos círculos dos homens que por muito tempo foram seu repositório vivo. Em geral a história só começa no ponto em que termina a tradição, momento em que se apaga ou se decompõe a memória social. Enquanto subsiste uma lembrança, é inútil fixá-la por escrito ou pura e simplesmente fixá-la.²

¹ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006, p. 79.

² *Ibidem*, p. 100-101.

Depreende-se, então, que pertence a uma minoria a história que deseja examinar amiúde o detalhe dos fatos, bem como se extrai muito pouco da história que pretende conservar a imagem do passado de acordo com os interesses das sociedades. Enquanto a memória coletiva se distingue por não ser artificial, retendo do passado apenas “o que ainda está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém”.³

Corroborando o pensamento de Halbwachs, o historiador francês Pierre Nora preceitua que memória e história não são sinônimos, uma opõe-se à outra.⁴ A seu ver, a memória é vida, carregada por grupos vivos, assim está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, susceptível de revitalizações. Já a história é a reconstrução sempre problemática daquilo que não existe mais.

O historiador argumenta ainda que a memória é afetiva e mágica, não se acomoda a detalhes que a confortam; alimenta-se de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as cenas, censura ou projeções. A história, por ser laicizante e uma operação intelectual, necessita de análise e discurso crítico; enquanto a memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta e a torna sempre prosaica.

Para Nora, a história trabalha um criticismo destrutor da memória espontânea, destruindo-a e repelindo-a. A seu ver, a história é a deslegitimação do passado vivido. Sem dúvida, um criticismo generalizado conserva museus, medalhas e monumentos, isto é, o arsenal necessário ao seu próprio trabalho, mas os esvazia daquilo que os fazem lugares de memória. Segundo o autor, a memória transformada em história é vivida como um dever, não é mais espontânea, psicológica, não mais social, coletiva, globalizante.

Projetando essas primeiras noções de memória e história na análise d’*O Patrão*, é possível perceber que a narrativa se pauta nas reminiscências individuais e coletivas de Euclides Neto, contemporâneo de circunstâncias regionais ocorridas na história sul-baiana, como a disputa pela terra, as tensões pelo poder, os direitos dos trabalhadores rurais grapiúnas, valendo-se do que muito ouviu contar nas suas conversas com essa gente simples, numa crítica à história ordenada, racionalizante e teologizante.

A região sul-baiana, desde o Descobrimento até o século XIX, passou pelo

³ Ibidem, p. 102.

⁴ NORA, Pierre. [Entre memória e história: a problemática dos lugares](#). Trad. Yara Aun Khoury. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

ciclo das atividades extrativistas marcadas pela exploração da floresta e, em seguida, pelo ciclo do cultivo da cana-de-açúcar e da mandioca, até chegar ao ciclo do cacau, que se tornou o centro da dinâmica econômica e sociocultural da região. Entretanto, se por um lado essa se mostrava rica, opulenta e poderosa, por outro mostrava o estado de penúria dos trabalhadores rurais oprimidos, submissos e, muitas vezes, massacrados, vítimas da ambição que imperava na época.

O cacau se tornou também o grande gerador de dramas grapiúnas, passando a ser tematizado pela literatura regional, cujas narrativas foram utilizadas, sobretudo, para denunciar a realidade atroz e de miséria em que vivia o indivíduo explorado, o seu aprisionamento e subordinação. Euclides Neto, nascido e criado às sombras dos cacauais e jequitibás, com convicções marxistas e socialistas que marcaram toda a sua vida política e literária, dá voz justamente a uma minoria, os trabalhadores da lavoura cacauaieira, enfatizando a sua linguagem coloquial e idiossincrasias, desde o apogeu até a derrocada econômica do ciclo cacauaieiro no sul da Bahia.

Ressalta-se que este artigo, para além de uma concepção tradicional da história, enfatiza a história na sua acepção genealógica, proposta por Nietzsche e retomada por Michel Foucault. Para o filósofo francês, a genealogia tem uma tarefa indispensável de marcar a singularidade dos acontecimentos:

Daí, para a genealogia, um indispensável demorar-se; marcar a singularidade dos acontecimentos, longe de toda finalidade monótona; espreitá-los lá onde menos se os esperava e naquilo que é tido como não possuindo história — os sentimentos, o amor, a consciência, os instintos; apreender seu retorno não para traçar a curva lenta de uma evolução, mas para reencontrar as diferentes cenas onde eles desempenharam papéis distintos; e até definir o ponto de sua lacuna, o momento em que eles não aconteceram.⁵

Dessa maneira, o pensador tece uma crítica à história ordenada, a qual unifica todos os elementos em uma cadeia, a partir de uma visão lógica do seu desenvolvimento. Nessa esteira, a ideia de genealogia corrobora a ideia de confrontação de poder, de lugar de tensão, de ruptura, de lutas, gerando assim, controle, disciplina, leis e constituições.

Foucault critica uma história que acontece na calma, ocultando as lutas, as

⁵ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Org. e Trad. Roberto Machado. 12. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1996, p. 15.

confrontações, a violência e que retrata apenas os momentos gloriosos, eliminando as tensões, os momentos de dissonância. A história, numa visão genealógica, é “efetiva”, sendo distinta da história dos historiadores, pois não se apoia em nenhuma constância, “reintroduz o descontínuo em nosso próprio ser”, não teme ser um saber perspectivo. Nesse sentido, “olha de um determinado ângulo, com o propósito deliberado de apreciar, de dizer sim ou não, de seguir todos os traços do veneno, de encontrar o melhor antídoto. [É] um olhar que sabe tanto de onde olha quanto o que olha.”⁶

Retornando, pois, ao objeto de estudo⁷, percebe-se que Euclides Neto assume o seu olhar, seu próprio ponto de vista e sua perspectiva diante da realidade da civilização cacaujeira. O seu romance traz uma versão que propõe ver a história sob a perspectiva dos trabalhadores rurais oprimidos, que respondem às injustiças do latifúndio. Tomás, protagonista de *O Patrão*, representa o sujeito que, cansado de ser explorado e de viver numa condição de miséria, resolve tomar uma decisão:

O vaqueiro do Senhor Casseiro tomara mesmo a resolução. Venderia cinco vacas das velhas, gabarrentas⁸, de peitos perdidos. Ficaria com o dinheiro de uma. Há muito vinha se queixando ao patrão que o ordenado não dava. Em casa eram dez bocas para dar de comer; com ele e a mulher, doze. Bem verdade, que poderia tirar uns litros de leite, a fim de completar a ração; mas, na hora de comprar o metro de pano, a coberta dorme-bem, uma bobagem qualquer, cadê o dinheiro? Quando os meninos eram menorezinhos, iam ficando buguelos, as meninas com calcinhas encardidas. As mais velhas — por falta de sorte eram as fêmeas — já tinham virado mulher. Queriam vestido e não podiam aparecer assim sem roupa. (p. 5)

Assim, as condições precárias de sobrevivência, sem ter ao menos o que comer e o que vestir, aliadas ao desdém de seu patrão, fazem com que o vaqueiro, mesmo relutante, tomasse uma postura tão drástica, após uma cobrança do Eusébio da Bodega. No entanto, não se pode deixar de reconhecer a influência que exerceu Felipe sobre o trabalhador. Com ideias bastante revolucionárias e socialistas, esse companheiro novato do Poço Fundo esclarece aos trabalhadores rurais sobre os direitos trabalhistas que já os assistiam e eles

⁶ Ibidem, p. 27-30.

⁷ NETO, Euclides. *O Patrão*. Salvador, 1978. Os trechos citados serão referenciados entre parênteses após as citações.

⁸ Bovino que desenvolveu calos entre as unhas, dificultando a locomoção. Sequela de febre aftosa ou pisoteio em terrenos pedregosos. Rês com pouco valor, refugio de gado. Cf. NETO, Euclides. *Dicionareco das roças de cacau e arredores*. 2. ed. Ilhéus: Editus, 2002, p. 61.

desconheciam.

Nesse sentido, a narrativa explora as tensões e conflitos que surgiam, uma vez que os detentores das terras, do cacau, do gado, os patrões das diversas regiões cacauceiras circunvizinhas não reconheciam os direitos já garantidos pelos Sindicatos. Senhor Casseiro comenta: “Uma descarração. Furto, isto sim, ladrões. Dia de feriado não trabalhar, ficar em casa dormindo ou no Poço Fundo, tomando cachaça, ganhando. Semvergonhice, isto sim. Pior do que roubar.” (p. 6) Por outro lado, Felipe argumenta:

- Não é furto, não. Garanto a você.
- Mas o patrão não é dono da terra?
- Mas a terra sem o trabalho não dá nada.
- Sim, mas o trabalho que o vaqueiro dá é muito mais valioso que o preço recebido. Depois, estou falando daquilo que a lei manda pagar e o patrão não paga, como já disse. A não ser que vocês fizessem reclamação à Justiça. (p. 13)

Influenciado pelas ideias revolucionárias, mas ainda reticente, Tomás desejava uma vida mais digna para si e para a sua família. Precisava ganhar mais para poder suprir as suas necessidades básicas. Assim, já vinha vendendo as gabarrentas de seu patrão há mais de dois anos, o que trazia momentos felizes e de satisfação para os seus:

A vida em casa andava mais alegre. Comida a semana toda [...]. Nada devia nas bodegas. E até o diabo de um rádio comprara. Se falar no relógio de pulso que usou um dia e quando foi laçar o garrote lavrado o peste se esbagaçou todo [...]. Os meninos ficaram mais corados, as meninas tinham engordado, botando forma de moça. Riam. Fizeram vestidos novos para o São João e tudo. (p. 22)

É notório que Tomás almejava uma vida melhor, por isso o consumo decorrente daquele dinheiro representava uma maneira de se rebelar contra a situação de aniquilamento social. Nesse sentido, “o consumo pode falar e fala nos setores populares de suas justas aspirações a uma vida mais digna. Nem toda busca de ascensão social é arrivismo; ela pode ser também uma forma de protesto e expressão de certos direitos elementares.”⁹ No entanto, apesar da felicidade proporcionada aos seus, Tomás estava infeliz e se corroía em saber que seria desmoralizado perante toda a comunidade, ao ser desmascarado

⁹ MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009, p. 292.

pelo seu patrão, homem astuto e inteligente.

Senhor Cassemiro começa a desconfiar de Tomás, no entanto, preferiu investigá-lo cautelosamente. Percebeu claramente as suas mudanças, ficava trêmulo e mastigava as palavras em gestos nervosos. Muito esperto, o patrão resolveu ir até a casa do vaqueiro, encontrando por lá vários indícios de que estava sendo roubado, pois havia comida à vontade, sela nova, máquina de costura nova, até rádio ligado sem parar. Assim,

[...] não perdia um sinal daquela transformação toda. Já possuía a certeza, mas pretendia investigar, já agora, até aonde chegava o furto. Teve vontade de chamar o soldado Anjo e meter o homem no xilindró. Como precisava ainda dele, surgiu outra ideia: primeiro iria limpar a fazenda de todo morador. Quando precisasse de gente para roçar manga, fazer cercas ou aceiros, chamaria o pessoal do Poço Fundo. Assim evitaria a inconveniência de ter agregado, de consertar as casas (pensava mesmo em derrubar todas), pois que as leis trabalhistas estavam complicando tudo. Em Salvador, via os amigos em luta com os operários das fábricas. Em breve chegariam ao interior. Era só ver o que a Justiça do Trabalho andava fazendo. Até Sindicato já havia, Se não fosse aquela medida enérgica de dar fim no presidente, o negócio ainda estaria pior. (p. 32-33)

Infere-se a partir do excerto acima que a narrativa traz como pano de fundo uma forte crítica à sociedade cacauieira sul-baiana, vista de modo analógico neste estudo, semelhante às *sociedades disciplinares*, as quais organizam os grandes meios de confinamento, cujo apogeu se deu no início do século XX, conforme argumenta Foucault.¹⁰ A prisão, a fábrica, o sindicato — atrelado ao Estado — exemplificam claramente alguns meios de confinamento cujo objetivo principal é estabelecer um corpo coeso, unir as pessoas para que se possa exercer o poder disciplinar. “Foucault analisou muito bem o projeto ideal dos meios de confinamento, visível especialmente na fábrica: concentrar; distribuir no espaço; ordenar no tempo; compor no espaço-tempo uma força produtiva cujo efeito deve ser superior à soma das forças elementares.”¹¹

O patrão pensa em prender Tomás, confiná-lo em uma prisão, entretanto, resolve desmascará-lo para que nenhum outro trabalhador rural fizesse o mesmo. Teria que discipliná-lo, amansá-lo, pois temia a resistência, a luta dos outros trabalhadores, a perda do seu poder disciplinar. O sindicato, na narrativa, também ameaça o seu poder, pois não representa um sindicato de pele-

¹⁰ Cf. DELEUZE, Gilles. *Post-scriptum sobre as sociedades de controle*. In: *Conversações*, 1972-1990. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992, p.219-226.

¹¹ *Ibidem*, p. 219.

gos¹², uma vez que assegurava à classe trabalhadora os direitos conquistados pela Consolidação das Leis Trabalhistas e dessa forma, seus líderes deviam ser eliminados. O fazendeiro Francisco aconselha ao Sr. Cassemiro: “— Se você quer gente boa lá de casa mando um para fazer um festejo... Vem trabalhar de vaqueiro aqui, puxa uma discussão num fundo de manga e empacota ele para o inferno. É num fechar e abrir de olho.” (p. 43)

É nesse clima de suspense e violência que a narrativa segue. A partir do décimo segundo capítulo, o narrador surpreende o leitor, ao descrever minuciosamente a tocaia armada por Tomás para matar seu patrão. O tiro era para ser fatal, no entanto, acaba por vazar os olhos do Sr. Cassemiro que cai do cavalo e rasteja pela mata fechada durante três dias, temendo que seu inimigo viesse finalizar o serviço.

Gradativamente, à medida que o fazendeiro, com os seus olhos vazados, tateia a terra, embrenhando-se cada vez mais no matagal, o leitor é levado a se embrenhar também na narrativa tão bem construída e a mergulhar nas angústias do patrão e do trabalhador. Ironicamente, a mata cerrada que representava parte de seu poderio econômico, mil hectares em mato, dos quais muito se orgulhava e conservava sem repartir ao menos com aqueles que precisavam para construir seus casebres, tragava-o cada vez mais, não possibilitando a sua saída daquela situação de cegueira e sofrimento físico e, sobretudo, psicológico.

Tomás demonstra força e coragem ao enfrentar o proprietário violentamente, contudo, o fato de não ter conseguido matar de uma só vez o patrão o consumia. Já não conseguia dormir, refletia sobre várias possibilidades de acabar com o sofrimento, pensou em terminar o serviço, lembrou que se assim o fizesse, não seria ele o acusado, uma vez que Januário, outro vaqueiro já havia discutido fortemente com Sr. Cassemiro:

Todo mundo acreditaria. Depois, quando o homem aparecesse morto, iriam saber que fora aquele vaqueiro Januário [...] Batera boca mais de uma hora. Em seguida ele disse que tinha o Sindicato para defendê-lo, o que deu na resposta:

— Pois vai ao Sindicato. Vai. Por causa de Sindicato é que já tem gente debaixo da terra.

Januário não rastejou:

— O risco que corre ao pau corre ao machado. (p. 54)

¹² Originalmente, significa a manta que se coloca entre o cavalo e a sela de montar; passou a ser utilizada para classificar os dirigentes sindicais que ficavam amortecendo os choques entre os patrões e o cavalo que, no caso, era a própria classe trabalhadora.

A sua angústia crescia cada vez que voltava ao matagal e via que o homem ainda estava vivo, não conseguia apagar das suas memórias a lembrança do patrão baleado, “grunhindo, gemendo, cego, pela mata adentro”. Segundo Paul Ricoeur, não há nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, passou-se antes que se declare a lembrança dela.¹³ Tomás, absorto em suas memórias, “quase não notava a presença da mulher. Mergulhava em outro mundo como se estivesse atrás de uma parede de arrependimento e lembrança do Senhor Cassemiro” (p. 69). Há momentos em que também se arrepende do feito: “Ah! Se não fosse a grande vergonha. Ainda poderia apanhar o corpo errante e levá-lo ao médico. Iria disparado. Nem que morresse depois da carreira. Nem que chegasse em Ipiaú, botando os bofes pela boca, que fosse preso, confessasse tudo e o matassem.” (p. 76)

Desse modo, o narrador descreve, com detalhes bem elaborados, a partir do décimo segundo capítulo, e praticamente até o final do texto, de modo intercalado, os conflitos interiores de cada personagem. Ademais, a descrição subjetiva da morte, cruel e dolorosa, do patrão, prende significativamente a atenção do leitor:

Ao léu, estava Senhor Cassemiro, sem direção alguma, vestido de preto em sangue velho. As crateras, abertas no rosto coberto por coágulos resinosos, ainda minavam salmoura, Os pés se arrastavam. O corpo era teso de quem esperava o aviso das mãos para prosseguir. (p. 75)

Para Eliezer Cesar¹⁴, é como se essa morte lenta e purgativa fosse o tempo que o autor queria dar ao proprietário para se arrepender de toda a exploração que cometeu durante a sua vida. Grande era o seu sofrimento:

Senhor Cassemiro já não se mantinha de pé. Arrastava-se. Em cada mato topava um inimigo. Naquelas terras boas de capim, o penão nascia a cada passo. E tocar-lhe o caule, o coco ou a folha seca caída na terra não era melhor que pisar em brasa viva. Nas veredas abertas pelos carreiros nasciam os calumbis afiados em pequenos podões. Uma vez atingida a pele assemelhava-se a anzóis. Naquela noite, até um ouriço-cacheiro lhe aparecera [...]. Naquela escuridão, a mata se povoava de luís-cacheiros que soltavam as agulhas amarelas. Aquelas armas roliças tinham pontas escuras que, uma vez na carne da vítima, iam entrando,

¹³ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François et al. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.

¹⁴ Cf. CESAR, Eliezer. *O romance dos excluídos: terra e política em Euclides Neto*. Ilhéus: Editus, 2003.

entrando, furando, vivas, que nenhum alicate as arrancariam [...]. Naquelas carnes abertas, sangrentas, empapadas, as agulhas de fogo não encontrariam dificuldades, viajando pelos músculos. Achando o caminho livre, certamente iriam até topassem um osso. (p. 91-92)

Senhor Cassemiro, já sem noção de tempo e lugar, em meio aos tormentos e delírios, rememora várias passagens de sua vida, tentando descobrir quem teria feito aquilo com ele. Tomás volta pela terceira vez para ver se o baleado estava morto, ao passo que os urubus já anunciavam a morte iminente, incitados pelo mau cheiro de carniça, no entanto, para a surpresa dele e do leitor, Senhor Cassemiro, enrolado em si mesmo, procurava se proteger dos bichos que o ameaçavam.

Tomás, ao ver que seu patrão ainda estava vivo, numa atitude de arrependimento, resolve ajudá-lo: “Estava disposto a tudo, a morrer no cubículo da cadeia que o Prefeito fez para prender ladrão, ficaria amarrado no largo do Poço Fundo, mas levaria Senhor Cassemiro para casa ainda com vida.” (p. 96) Mesmo com a chegada de um cachorro desmoralizado, que corria manga à procura de carniça de gado, o que simbolizava caçador por perto, o trabalhador queria mesmo era se livrar daquele tormento: “Melhor que fosse alguém para prendê-lo, livrá-lo daquela agonia, que espremesse logo o panarício.” (p. 97) A narrativa, no entanto, deixa subentendido que com a chegada do segundo cachorro, um cachorro de opinião, reconhecido por Tomás como o cachorro do Evangelista, o vaqueiro poderia ser descoberto.

Garantido o suspense ficcional, o narrador em terceira pessoa cede lugar, apenas no penúltimo capítulo, ao narrador em primeira pessoa. Traz, assim, as lembranças dos fatos significativos e ressignificados em lembranças marcantes do Sr. Cassemiro, numa espécie de reconhecimento e arrependimento do seu próprio orgulho, dos seus erros, motivos que o levaram a uma morte que o purificaria de suas atitudes egoístas em vida:

Foi ele, o Januário! Foi o caneco de leite novo que vi dando ao cachorro. Briguei. Xinguei ele. Depois ele disse que era leite novo, não prestava, por isso dava ao cachorro. Briguei. Xinguei. Desmoralizei ele!

Foi Tomás, a vaca gabarrenta, não valia nada, estou morrendo, sofro uma nuvem na cabeça, não sei, foi o leite novo que deu ao cachorro, a vaca gabarrenta, senão eu ficava vivo; morri porque briguei por causa do leite do cachorro, Januário me matou, xinguei Januário, ofendi, jurei dar fim Januário, o leite não prestava vender, vaca doente, milhares hectares gordos, a casa de salvador, quatro carros na garagem, tudo perdi por causa do leite podre, misturado com

sangue, deu cachorro, se não fosse leite novo, vaca gabarrenta, não morria, agora pode dar leite cachorro, pode vender vaca gabarrenta ao açougueiro Ipiaú para comprar máquina de pé, vestir meninas peito duro furando vestido, pode. Pode alegria cachorro lambe-lambendo leite grosso de sangue de novilha primeira cria. Ah! Se pudesse não brigar mais, voltar tudo. Foi Januário, Tomás. Fui eu.
O risco que corre ao pau corre ao machado. (p. 99)

O monólogo acima descrito é outra página de intensa irradiação dramática da obra romanesca euclidiana, conforme Eliezer Cesar. No seu entendimento,

o autor levou o fazendeiro a expiar seus erros, a considerar que toda a sua riqueza [...], de nada valia na hora última e crucial da morte. O faz ver que ele recebera o castigo por humilhar e maltratar seus empregados. Fosse mais justo, um pouco equânime na distribuição da riqueza, menos mesquinho e ganancioso, não estaria às portas de uma morte inglória, sozinho, ferido, na mata, feito bicho!¹⁵

Destarte, as narrativas, “se construídas na e pela linguagem, portam visões sociais de mundo e a partir delas é sempre possível perceber relações de poder, tensionamentos culturais, disputas de sentido.”¹⁶ As convicções marxistas e socialistas do escritor marcaram a sua vida política e literária, razão pela qual sua literatura valoriza tipos humanos, a exemplo de Tomás e Januário, representantes de minorias.

Nessa esteira, podemos dizer que o autor projeta suas vivências rememoras e reconstruídas nas personagens que criou, exercitando como escritor e político sul-baiano, o seu socialismo engajado e voltado às questões fundiárias da região cacauera, fazendo emergir as vozes silenciadas das classes trabalhadoras.¹⁷ Desse modo, a narrativa retrata a crise por que passa a sociedade disciplinar cacauera, cujo poder esteve atrelado por muito tempo aos detentores do “fruto de ouro” — moeda principal nas terras do cacau — das terras, da produção, os quais usavam da violência para controlar os “indisciplinados”.

Portanto, percebe-se que o autor baiano constrói, a partir de sua memória individual vinculada à coletiva, reconstruídas no texto ficcional *O Patrão*, a

¹⁵ Ibidem, p. 132.

¹⁶ CARVALHO, Carlos Alberto de. Apontamentos teóricos e metodológicos para compreender as vinculações sociais das narrativas. In: LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto de. (Orgs.). *Narrativas e poéticas midiáticas: estudos e perspectivas*. São Paulo: Intermeios, 2013, p. 53.

¹⁷ Vide OLIVEIRA, Rita Lírio de. *A palavra e o tempo de Euclides Neto: um garimpeiro da identidade cultural grapiúna*. Ilhéus: Editus, 2013.

possibilidade de uma contra-história, ao se contrapor à homogeneidade proposta pelos discursos hegemônicos, a exemplo do discurso etnocêntrico. Em seu texto ficcional, pretende o reconhecimento das culturas minoritárias, a dos excluídos, trazendo, assim, a sua perspectiva de se repensar as margens, uma acuidade num olhar para aqueles que foram silenciados por muito tempo em uma sociedade extremamente marcada pela opressão da classe dominante, representada pelos coronéis, patrões e seus pares.

É um olhar perspectivo que relê a história da sociedade cacauera sul baiana, pondo em crise a disciplina, o centro, a soberania e o controle exercido por aqueles que detinham o poder na terra do “fruto de ouro”. É um olhar que traz à tona uma memória reconstruída e reconstrutora de uma história que se propõe efetiva, genealógica, “com suas intensidades, seus desfalecimentos, seus furores secretos, suas grandes agitações febris”.¹⁸

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo investigou elementos de memória individual e coletiva e a sua inter-relação com a história da civilização cacauera sul-baiana; memórias reconstruídas e ficcionalizadas pelo escritor baiano que vivenciou a disputa de poder presente nas relações entre explorado e explorador nas roças de cacau. Buscou-se entender como tais elementos contextualizam a formação histórica da sociedade grapiúna, erigida inicialmente em torno do cacau, mais tarde com a pecuária, e como puderam ser percebidos e analisados no romance *O Patrão*, de Euclides Neto.

Verificou-se que Euclides Neto urdiu a sua narrativa ficcional inspirado em suas memórias, as quais são constituídas individualmente, mas, no entanto, formam-se também por meio das memórias coletivas de um passado, de fato, vivido e reconstruído. Na narrativa ora analisada, percebe-se que o autor dá vez aos trabalhadores rurais, representados, respectivamente, pelas personagens Felipe, trabalhador conhecedor dos seus direitos e insuflador do reconhecimento desses pelos demais trabalhadores, e Januário, personagens que, da condição de submissos e explorados, passam a sujeitos resistentes ao poder hegemônico exercido pelos patrões.

Além disso, importa ressaltar que Tomás, protagonista da obra, representa

¹⁸ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*, op. cit., p. 20.

o sujeito que enfrenta, ainda que timidamente, o poder hegemônico estabelecido, uma vez que há momentos em que o trabalhador se arrepende de ter ferido seu patrão, de tê-lo roubado, colocando-se sempre entre a angústia e arrependimento por tal feito.

É nesse cenário que a história de um povo é vista numa perspectiva genealógica e, portanto, efetiva, à medida que o autor, a partir de sua cosmovisão, de suas memórias, reconstrói as lutas, os conflitos, as disputas de poder, elementos relegados na visão de uma história tradicional e contada pelos historiadores.

Não obstante, verificou-se nessa narrativa uma crítica subliminar às sociedades disciplinares, as quais, por meio das instituições de confinamento, pretendem estabelecer uma sociedade coesa, unida, para que se possa exercer o poder disciplinar. A morte do patrão, na narrativa, traz como pano de fundo o enfrentamento a esse poder, de forma violenta, traz à tona uma crise por que passa o povo oprimido e excluído da região cacauzeira sul-baiana que, conhecedor de alguns direitos trabalhistas, alcançados pelas lutas sindicais, não mais aceita a condição de obediência cega aos mandos e desmandos dos pecuaristas, empresários e coronéis.

Enfim, depreende-se que Euclides Neto ficcionaliza personagens e fatos reais para compor a trama, enfocando as transformações que a região sofreu, sobretudo, partindo de suas memórias, possibilitando a leitura de uma contra-história, na qual não se preocupa apenas em revelar momentos gloriosos, em uma narrativa linear, descuidada dos conflitos inerentes às sociedades pela disputa de exercício do poder. De modo singular, o autor propõe, através de sua literatura engajada, um olhar perspectivo para um povo pouco ouvido, pouco valorizado e humanamente explorado.